

O Brincar com Jovens e Adultos

Ramona Mendes Fontoura de Morais
Wemerson de Amorim

RESUMO: O artigo apresenta possibilidades de intervenção da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos. Para isso, teremos como enfoque a temática Identidade desenvolvida com turmas iniciantes do Projeto de Ensino Fundamental 2º segmento da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. A escolha desse tema pelo coletivo de educadores tem o intuito de facilitar o conhecimento sobre esses sujeitos educandos a partir de suas experiências de vida. Por meio dessa compreensão, é possível construir projetos de ensino ricos em significados para esses alunos.

Uma das maneiras da Educação Física e sua especificidade enquanto área de conhecimento se inserir no projeto Identidade pode se dar ao tentar construir com esses participantes o reconhecimento de suas identidades a partir das memórias da infância. A retomada a essa fase da vida apresenta múltiplas historicidades. Entretanto, mesmo com todas as particularidades, individualidades e diferenças das infâncias há algo que as aproximam. O brincar, frequentemente associado à infância, sempre aparece como sinônimo de alegria e a nostalgia no relato dos participantes. A Educação Física, através das vivências corporais das brincadeiras, pode reafirmar, problematizar e ressignificar concepções enraizadas sobre a temática Identidade. É inegável que resistências se manifestam em temas e assuntos e pela própria abordagem via corporeidade, uma vez que o imaginário em relação à escola trazido pelos educandos não contemple o estudo/experiência do corpo em sua totalidade. Contudo, quando existe um envolvimento maior das turmas nos processos através das brincadeiras e suas manifestações corporais, a percepção dos elementos de suas identidades e realidades passadas e presentes se apresentam como mais detalhados favorecendo a compreensão de suas histórias pelos participantes jovens e adultos e por seus educadores.

Palavras-chave: **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EDUCAÇÃO FÍSICA - IDENTIDADE**

Quem somos (Traços para uma identidade)

O Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos da UFMG reúne projetos de extensão, ensino e pesquisa voltados para a escolarização de jovens e adultos e também se constitui como espaço para a formação inicial e continuada de educadores de jovens e adultos. Três projetos compõem este programa. Cada um deles apresenta uma especificidade em relação aos níveis de ensino, a saber: O PROEF-1, Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – 1º Segmento, que se caracteriza pelo ensino-aprendizagens da leitura e escrita e outras aprendizagens inerentes aos primeiros anos do Ensino Fundamental; O PROEF-2, Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – 2º Segmento que corresponde aos anos finais do Ensino Fundamental e o PEMJA, Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos. Esses três projetos de escolarização envolvem professores e estudantes dos cursos de Licenciatura das diversas unidades acadêmicas da UFMG na concepção, no planejamento e no desenvolvimento da proposta pedagógica que visa oferecer a jovens e adultos uma experiência de vivência e formação escolar concebidas para este público específico.

O PROEF-2 (Delimitando o projeto)

Nesse artigo, abordaremos uma temática comumente desenvolvida com turmas iniciantes do PROEF-2. Nesse projeto as diferentes turmas são organizadas e constituídas considerando o período de frequência e vivência escolar ou no próprio projeto. As turmas iniciantes são aquelas que freqüentam o projeto no seu primeiro ano. As turmas em continuidade, são as que participam do projeto no seu segundo ano e as turmas concluintes cursam o terceiro e último ano do PROEF-2.

Onde estamos (Um pouco de história e propósitos)

Há vinte e três anos, as aulas do Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – 2º Segmento acontecem no Centro Pedagógico no horário noturno. O Centro Pedagógico é a Escola de Aplicação do Ensino Fundamental da UFMG (CP). O CP tem como finalidades e objetivos: ministrar o Ensino Fundamental, tendo-o como base investigativa para a produção de conhecimento, de ensino

e de pesquisa; constituir-se como campo de reflexão e de investigação sobre a prática pedagógica, a formação e atuação docente; constituindo-se principalmente como espaço de novas experiências pedagógicas ao ser um campo de experimentação que subsidie e implemente o ensino, a formação e atuação de professores e outros profissionais que tenham o espaço escolar como campo de trabalho.

Nesse sentido, é um espaço que privilegia a permanente reflexão e construção coletiva, o corpo docente em constante diálogo com os sujeitos educandos tem autonomia e a responsabilidade na sistematização e no desenvolvimento das aulas.

A EJA (Referência conceitual)

Na Educação de Jovens e Adultos a troca de saberes entre professores e trabalhadores-estudantes é fundamental para que intervenções de educadores e educadoras nesse campo da educação sejam significativas para/com esse coletivo. Por esse motivo, um projeto comprometido a pensar práticas educativas com proposições abertas, flexíveis, em construção, a partir do ano de 2007, inseriu duas novas áreas de conhecimento anteriormente não contempladas no programa. A Língua Estrangeira e Expressão Corporal que passaram a compor os horários do PROEF-2. Coordenadores e educadores atentos e preocupados aos sentidos atribuídos ao espaço escolar pelos jovens e adultos, reconheceram a necessidade de ampliação desses entendimentos. Segundo (Carlos, Barreto, 2005):

Para a maioria dos alunos da EJA os significados atribuídos à escola se concentram em ser o lugar onde os que não sabem vão aprender com quem sabe (o professor) os conhecimentos necessários para ter um trabalho melhor (menos pesado, mais bem pago) e um lugar social mais valorizado. (p. 64)

A formação desse imaginário em relação à escola é histórica e condiz com a compreensão desse espaço no momento em que provavelmente deixaram o ambiente escolar na infância ou na adolescência.

A Educação Física neste contexto e o tema Identidade

A participação da Educação Física enquanto componente da área da Expressão Corporal desde o 21º ano de existência do PROEF-2 revela desafios e possibilidades na apresentação e construção de outros sentidos para a escola e para a Educação Física. A busca pelo saber sistematizado tão valorizado socialmente caracteriza o anseio desses jovens, adultos e idosos ao retornar ao ambiente escolar. A Educação Física para esse sujeito e nesse contexto não se enquadra nesses conhecimentos ansiosamente esperados. Resistências são notórias. Maneiras para se conseguir uma aproximação entre a intenção do professor e esse público podem ser diversas. Um caminho pode se dar pela articulação da área em temas desenvolvidos coletivamente como norteadores dos planejamentos dos diversos campos dos saberes. Nessa perspectiva, consideram-se a interdisciplinaridade e a contextualização como elementos fundamentais à aproximação e ao processo de construção do conhecimento.

A temática Identidade desenvolvida com turmas iniciantes do PROEF-2 tem o intuito de facilitar o conhecimento sobre esses sujeitos educandos e aproximá-los a partir de suas experiências de vida. Por se tratar de turmas que se iniciam no projeto, um conhecimento acerca de seus protagonistas se revela como de vital importância para o planejamento das aulas.

Este momento parte de um prognóstico, e este é a razão de ser, que conforme (Contreras, 1983):

Se o processo educacional é social e politicamente determinado pelos atores sociais que dirigem e organizam uma sociedade, deve ser preocupação prioritária dos educadores tratar de entender a realidade social onde tal processo se viabiliza. (p. 28)

Essa investigação deve superar a visão focalista¹ que a escola tem hoje sobre o fenômeno educacional e ser realizada de maneira global e complexa, considerando as partes em si, entre si e em relação ao todo.

¹ A visão focalista faz com que o “homem não perceba a realidade como totalidade, na qual se encontram as partes em processo de interação, se perde o homem na “visão focalista” da mesma. A percepção parcializada da realidade rouba ao homem a possibilidade de uma ação autêntica sobre ela.” (FREIRE, 1979, P.34)

O retrato sócio-cultural do educando reflete o seu mundo sócio-cultural, sua história e suas inquietações. Esses momentos iniciais exigem tempo e paciência, como intenção e ação pedagógica consistentes, por parte do educador. O tempo dedicado a eles não será em vão uma vez que irá fornecer elementos, dados para uma prática educativa coerente, concreta e significativa, ou seja, comprometida com a realidade educativa e social. Neste momento, uma maneira de se conhecer esse sujeito e de dar a se conhecer a esse sujeito em seu presente pode ser pela retomada de seu passado.

Tendo em vista o propósito do conhecimento sobre as múltiplas realidades e identidades dos educandos da EJA, o tema Identidade ao ser desenvolvido com as turmas pode nos aproximar e nos oferecer condições de identificação e análise desses aspectos. Nesse sentido, retratar o passado significa trazer a consciência e revolver também o presente. Nosso presente é indissociável de nossa história. O ano em que nascemos, o lugar onde moramos, as pessoas com as quais convivemos, as rotinas que vivemos, as alegrias festejadas, e também as tristezas e obstáculos encontrados, tudo isso nos forma. A formação de nossas identidades perpassa todos os nossos momentos. De acordo com (González, Fensterseifer, 2005):

Identidade é o imaginário, é um processo de representação ao mesmo tempo pessoal e coletiva que permite ao sujeito se definir com relação a um “eu” ou a um “nós” diferenciando-se do outro ou dos outros e a si mesmo a cada momento (p. 231)

Nossos momentos (A “pelada”, construções coletivas)

A partir dessa compreensão, um projeto desenvolvido nas aulas de Educação Física para as turmas iniciantes do PROEF-2 se deu pela retomada das brincadeiras vivenciadas pelos alunos em momentos de suas vidas. Ao tratar dessa temática, quase que sinonimamente falamos de infância. Lembranças da infância e da juventude podem trazer pistas importantes sobre nossos alunos e para eles mesmos.

Inegavelmente, apresentar a brincadeira como conteúdo em umas das disciplinas para jovens e adultos que possuem um ideal tão cristalizado do que seja a escola é uma tarefa que nos exige fôlego e paciência pedagógica. O esclarecimento acerca dos objetivos e intencionalidades pedagógicas a partir

de tal projeto deve ser a todo o momento ressaltado durante os encontros. A percepção de que as brincadeiras se constituem como construções culturais contextualizadas de múltiplos significados, que são patrimônios dos humanos em todas as fases da vida e não exclusivamente da infância pode causar estranhamento por parte dos alunos. O brincar para jovens e adultos não tem o mesmo significado atribuído pela criança. A finalidade através da retomada das vivências das brincadeiras não é fazer com que jovens e adultos compartilhem dos mesmos sentidos conferidos pelas crianças ao brincar, mas sim possibilitar o reconhecimento da brincadeira como manifestação cultural construída pelo homem e como expressão do lúdico² de si e por si mesma independente de faixas etárias. É a condição de brincar que torna o homem humano, sendo o brinquedo uma simbologia, uma linguagem, um modo de ser. Essa condição se faz mais presente na criança porque brincar, para ela, é o que há de mais sério, não percebendo limites para a liberdade de sua curiosidade, imaginação e experimentação, enquanto o adulto está cercado por regras e princípios que aprisionam e controlam o poder criativo do seu imaginário. Assim, apresentar brincadeiras como projeto para/com jovens e adultos e ter o brincar como princípio da ação educativa nos permite resgatar o impulso lúdico que tanto faz falta ao adulto. Brincar é parte e sentimento do movimento que, como os jogos, as palavras, gestos e simbolismo, possibilitam a consciência e o sentido do domínio corporal, do domínio da linguagem e, conseqüentemente, do conhecimento acumulado e de si.

É importante salientar que, as brincadeiras vivenciadas nas aulas não se tratavam de quaisquer práticas, mas sim de manifestações conhecidas e “brincadas” pelos alunos. A partir de brincadeiras marcantes da infância de cada membro da turma, organizamos trabalhos em grupos e, em três aulas, cada um dos grupos conduziu nossos encontros. Nos primeiros momentos,

² Segundo Werneck (2004, p. 124) o lúdico é “entendido como expressão humana de significados da/ na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade”. O termo, bastante abrangente, tem sido alvo de muitas discussões, dificultando uma definição conceitual menos controversa. Porém, a maioria dos autores, ao discorrer sobre a expressão “lúdico” ou arriscar conceituá-la, concorda ao atribuir a ela uma conotação positiva, ligada ao prazer, à satisfação pessoal (BRACHT, 2003). A ludicidade pode fluir nas diversas esferas da vida, até mesmo no trabalho.

alguns se recusavam a participar, o que já era esperado por mim. Para explicar um pouco dessa postura, recorro-me a (PEREIRA, 2005):

Brincar requer uma coragem dupla. Dupla porque enfrentar seus próprios valores e os valores do grupo é um desafio que alguns ousam encarar e, segundo, é que estar brincando é expor-se ao outro. É correr riscos e isso não é fácil (p.1).

Felizmente e como esperado, ao longo dos encontros realizados por nós, o envolvimento das turmas passava a ser mais intenso. Aquelas práticas passaram a ter significados. Vivenciar o “polícia ladrão”, o “terremoto”, a “batata-quente”, o “morto-vivo”, o “reloginho”, o “rouba-bandeira”, o “derruba-lata”, os jogos com bola, o “telefone sem fio”, o “macarrão humano”, “escravos-de jó” nos proporcionou diversão e aprendizados. Um dos componentes do último grupo a se apresentar se encarregou de trazer sua mala repleta de brinquedos por ele confeccionados. Nesse dia, ele distribuiu a cada um dos colegas seus inventos e revelou a maneira como eram produzidos permitindo a todos saborear a produção.

A visita ao Museu do Brinquedo em Belo Horizonte em um dos sábados do mês de abril de 2008 também foi um momento planejado por nós como desdobramento do projeto Identidade. Os alunos e alunas da EJA acompanhados(as) de seus filhos e filhas, netas e netos, maridos e esposas conheceram o acervo do museu inaugurado em 2006. Pipas, piões, jogos de guerra, carrinhos, bonecas, pernas de pau, vídeo games nos foram apresentados através de uma abordagem que considerava a representação desses objetos nos diferentes momentos da história e também nas diferentes etnias, classes e grupos sociais. Outro momento da visita foi à confecção da Peteca, objeto comum e tão usado em jogos nas terras mineiras, confeccionada originalmente com palha de milho ou embira e penas de aves. A organização de excursões e trabalhos de campo na EJA é muito importante para o exercício de ir e vir e para exercitar o acesso ao patrimônio cultural. A dimensão do direito ao acesso aos espaços e bens públicos também deve ser um dos propósitos do trabalho pedagógico.

Outra atividade desenvolvida nas aulas foi à apresentação de uma pequena exposição de alguns quadros do pintor brasileiro Cândido Portinari. Portinari em sua obra se dedicou a registrar o povo e a cultura do Brasil. Algumas de

suas pinturas retratam a infância e as brincadeiras em sua terra natal Brodósqui (SP). Os quadros sobre o futebol, as brincadeiras de subir em árvore, soltar pipa, pular carniça, plantar bananeira, rodar pião ao serem contempladas nas pinturas nos permite recordar momentos já vividos e identificar a universalidade das práticas corporais contidas nas brincadeiras.

Paralelamente as experiências corporais proporcionadas pelas brincadeiras, sempre buscávamos problematizar questões sobre a infância e o brincar na atualidade, os significados das práticas e as relações que emergem a partir das brincadeiras.

Por fim, como síntese de todo o processo de construção, reflexão, problematização e ressignificação sobre as identidades individuais e coletivas, através da retomada e vivência das brincadeiras trazidas pelos colegas e pelo próprio grupo, a visita ao museu do brinquedo, a biografia e os quadros de Portinari sobre as brincadeiras e outras vivências, foram assimiladas pelos sujeitos participantes como demonstrado em alguns registros que retratam um pouco das sensações e significados dos nossos momentos:

“Fiquei mais encantada ainda com a mais nova experiência que tivemos. Parecíamos crianças brincando com vários brinquedos inventados por um amigo nosso de escola que levou uma sacola cheia de seus inventos.” (aluna A)

“Na minha infância, a gente se divertia trabalhando porque este era o costume de meus pais.” (aluno B)

“Eu fui criada no interior e lá as pessoas brincavam até após o casamento, isto é, com os filhos, sobrinhos e parentes por ter quintal em casa.” (aluna C)

“Minha infância foi muito marcante. Quase não brinquei, pois comecei a trabalhar muito cedo, mas o pouco que brinquei foi de roda, passar anel, pular corda. Estas lembranças estão bem guardadas no baú do meu coração.” (aluna D)

“A experiência que vivi nas aulas trouxe a mim um sentimento de lamento por tudo que não vivi. E, ao mesmo tempo, a certeza de que nunca é tarde para começar. Aprendi que a pureza da infância não se pode perder, é preciso viver a vida com simplicidade e leveza. Minha infância foi vivida com muita responsabilidade e trabalho.” (aluna E)

“Aprendi muitas coisas boas que fazem parte da vida da gente, voltei a relembrar dos velhos tempos de criança que não voltam mais. Mas, nós é que não sabemos que mesmo a gente sendo adulto nós temos que brincar que faz parte da rotina que nós levamos.” (aluno F)

“As brincadeiras de Cândido Portinari relatam muito nossa infância.” (aluna G)

Palavras finais

O artigo descrito apresentou um olhar sobre uma experiência do ensino de Educação Física para/com os jovens e adultos. Tudo o que fora relatado revela as impressões sobre os desdobramentos do projeto Identidade desenvolvido com turmas iniciantes do PROEF-2, As brincadeiras contribuíram para que os alunos reconhecessem os significados dessas ações em diversos contextos e que favoreceram as possibilidades de autoconhecimento, conhecimento do outro e dos contextos. A autonomia e a coletividade na elaboração de todas as atividades do projeto Identidade nos possibilitou a autoria em nossas práticas docentes. Mais do que objetivar o resgate da infância e suas memórias para a identificação e o reconhecimento das múltiplas e mutáveis identidades que nos compõe para a elaboração de planejamentos pedagógicos ricos em significados para os educandos, as sensações e relações estabelecidas em nossas vivências me permitiram, como docente em formação inicial, evidenciar a vivacidade da escola. É com grande satisfação que finalizo esse relato ao viver por meio desse projeto as complexas, mas instigantes relações humanas do espaço cultural chamado escola. A esse coletivo o meu muito obrigado. Para ilustrar e brindar a isso tomo por empréstimo os sábios versos de Paulo Freire:

Escola é...

*O lugar onde se faz amigos,
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...*

*Escola é sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda,
o coordenador é gente, o professor é gente,
o aluno é gente, que se alegra, se conhece, se estima,
o diretor é gente, cada funcionário é gente.*

*E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.*

Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados.”

*Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que
não tem amizade a ninguém, nada de ser como
o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.*

*Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, é se “amarrar nela”!*

Ora, é lógico...

*Numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer,
fazer amigos, educar-se, ser feliz!*

Referências Bibliográficas:

- BARRETO, V.; CARLOS, J. Um sonho que não serve ao sonhador. Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos, Brasília, p. 63-68, ago. 2005
- BRACHT, V.; CAPARROZ, F. E.; DELLA FONTE, S. S.; FRADE, J. C.; PAIVA, F.; PIRES, R. Pesquisa em ação: educação física na escola. Ijuí: Unijuí, 2005, 2ed.
- Cadernos de turma de Educação Física da professora Ramona Mendes Fontoura de Moraes das turmas 61 e 62 do ano de 2008
- CONTRERAS, R.N.P. Os programas de educação não formal como parte integrante do processo de educação e de organização popular. In: Aberto, Brasília, ano 2, n° 18, ago/nov. 1983
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra, 1996.
- GOMES, C. L. Lazer – concepções. In: GOMES, Cristianne Luce. (Org.). Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 119-126.
- GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). Identidade. Dicionário Crítico de Educação Física, Ijuí, Ed. Unijuí, p. 231, 2005
- PEREIRA, E. T. *O medo de brincar*. Belo Horizonte, 2005
- Proposta pedagógica de Educação Física da Prefeitura da Cidade do Recife 1996
- RAYS, O. A. Planejamento de ensino: um ato político-pedagógico. Cadernos Didáticos do Curso de Pós-graduação em Educação, Santa Maria, n.10, 1989.